

I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES. Centralizado.

A internet e a ressignificação do uso da maconha

Alanna Oliveira Santos

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Resumo: Este trabalho busca observar o papel da internet na ressignificação da identidade de usuários de maconha através da Análise de Discurso dos sites antiproibicionistas Hempadão e Growroom. Encarando a internet como mais um espaço de interação social onde atuam diversas forças em conflitos, mas que abre espaço para que grupos minoritários possam se organizar e difundir suas ideologias e estilos de vida específicos, possibilitando o fortalecimento de discursos não hegemônicos que vão redefinir a imagem do usuário de maconha, fortalecendo estes enquanto grupo identitário com valores morais e culturais específicos e mobilizando politicamente em favor de mudanças na legislação e na forma como a sociedade encara a maconha e seu usuário.

Palavras chave: Maconha; Internet; Análise de discurso;

1. Contexto histórico do uso da maconha no Brasil

Embora os portugueses ao chegarem ao Brasil, em 1500, já tivessem conhecimento sobre a cannabis, é provável que ela tenha chegado aqui através de africanos escravizados. É o que indica o uso das palavras: “maconha”, “diamba”, “liamba”, “riamba”, “cagonha”, “aliamba”, “bongo”, “ganja”, “gongo”, “marigonga”, “maruamba”, “namba” e “pango”, todas de origem africana, para designar a cannabis no Brasil. (MOTT, 1984, p.123) Assim como outros elementos da cultura africana o seu uso foi reprimido e criminalizado.

Baseado em discursos médicos-sanitaristas difundiu-se a ideia de que os usuários de maconha eram vadios, pervertidos sexuais, prostitutas, gays “rixosos”, “agressivos”, capazes de praticar “violências e crimes” e que seu uso causaria delinquência, imbecilidade e até mesmo a morte. (CARNEIRO, Henrique, 2010)

I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES. Centralizado.

Nos anos 60 o uso da maconha passa a espalhar-se também pela classe média, principalmente entre jovens e intelectuais que buscavam um estilo de vida alternativo, em que pudessem ser livres para pensar o que quisessem, e experimentar outras formas de percepção, inspirados no movimento hippie. Este estilo de vida foi alvo do interesse dos militares que governavam o país e tentavam impor uma conduta moral. (MACRAE & SIMÕES, 2000)

Esses dois estereótipos de maconheiro irá povoar o imaginário do brasileiro até os dias atuais, sendo constantemente reiterado pelos meios de comunicação tradicionais, variando entre o marginal, o vagabundo e o hippie, o surfista conforme a cor da pele e classe social.

Em 1980 inicia-se no Brasil o debate sobre a legalização da maconha e até o final da década de 90 esta discussão se restringia as universidades e dificilmente era pauta dos meios de comunicação tradicionais, cuja abordagem era comumente voltada para os malefícios da substância e o tráfico, sempre reiterando o caráter perigoso da planta. (JUNIOR, Osvaldo, 1985)

Com o surgimento e a popularização da internet outros atores sociais que não detém o poder dos grandes meios de comunicação puderam expor outros pontos de vista sobre diversos temas, dando força a discursos que não estão presentes nos meios tradicionais de comunicação.

Começa então a surgir blogs, sites e perfis em redes sociais com viés antiproibicionista, voltados principalmente para os usuários, com conteúdos informativos acerca de leis, histórias, hábitos, produções artísticas e outros temas relacionados à maconha, apresentando não só um novo tipo de maconheiro, mas toda uma cultura relacionada ao uso da maconha.

O objetivo deste estudo é observar a representação do maconheiro nesses espaços e a importância deles para a construção de uma nova identidade do usuário de maconha. Buscando compreender de que forma esses discursos fortalecem as articulações de movimentos como a Marcha da Maconha e projetos de lei para a sua regulação, impactando politicamente a sociedade e pautando a mídia tradicional.

Para tanto analisaremos dois sites dentre as dezenas que compõe o cenário atual. São eles: o Growroom (2002), pioneiro em levantar o discurso pró legalização e incentivar o cultivo caseiro como alternativa ao tráfico e o Hempadão (2009) que inova apresentando uma

I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES. Centralizado.

variedade de conteúdo que aborda aspectos culturais, políticos e sociais atuando também como canal de entretenimento.

2. A internet e a emergência de discursos não hegemônicos

A sociedade contemporânea é marcada pela velocidade de informações e o contato entre diferentes culturas proporcionado pela globalização. Dentro deste contexto a internet surge como uma ferramenta ainda mais integradora, capaz de conectar pessoas do mundo inteiro através de uma complexa rede virtual. Com o surgimento das redes sociais esta interação se tornou ainda mais sofisticada e os usuários da rede não só tem acesso a conteúdos produzidos no mundo inteiro de maneira instantânea, mas se tornou capaz de interagir com esses conteúdos e com essas pessoas de maneira cada vez mais real e dinâmica.

Desta maneira, a internet tem propiciado um espaço virtual de interação e convívio social. Através dela é possível saber o que seus amigos, bandas favoritas, personalidades pensam e fazem em tempo real. Dentro deste contexto o usuário é também o produtor de conteúdos dos mais diversos tipos, surgindo à possibilidade de fazer emergir outros discursos que comumente não divulgados pelos meios de comunicação tradicional por não fazerem parte do pensamento ideológico dominante.

Assim torna-se cada vez mais fácil o acesso a diversos conteúdos produzidos por minorias e grupos culturais não dominantes. Essa difusão vai gerar um impacto em como esses grupos são vistos pela sociedade e como veem a si mesmos, perpassando as fronteiras da identidade cultural e de grupo.

Ao observar o caso dos usuários de maconha, popularmente conhecidos como maconheiros, percebe-se que a internet tem sido um importante meio para que este grupo ganhe visibilidade e uma identidade diferente daquela mostrada pelas instituições tradicionais que criminalizam seu uso e o usuário, tendo ainda papel fundamental na articulação de um movimento prol legalização da maconha no Brasil. Com movimentos como a Marcha da Maconha cuja sensibilização é feita quase que exclusivamente pela internet e projetos de lei

I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES. Centralizado.

encaminhados ao congresso através do recolhimento de 20 mil assinaturas apenas no meio virtual.

3. Identidade e Análise do Discurso

Os sujeitos e suas identidades são resultados de sua interação com a sociedade. É através desta interação que são passados ao indivíduo os valores, regras e condutas que devem ser seguidos no convívio social. (LARAIA, Roque, 2001)

Todo esse arcabouço cultural é construído e transmitido por gerações e diversos mecanismos coercitivos são acionados para enquadrar os membros da sociedade a essas regras. Esses mecanismos vão desde o uso da violência física e sanções econômicas aos mecanismos como coloca Peter Berger: “Mecanismos de controle a um só tempo muito potentes e muito sutis são constantemente aplicados ao transgressor real ou potencial. Tratam-se dos mecanismos de persuasão, ridículo, difamação e opróbio.” (Berger, Peter, 2007, p. 84)

Dessa forma os indivíduos que transpõem as regras do que é correto, moral e lícito sofrerá punições como sanções legais, difamação e exclusão sistemática do convívio social. São rotulados como desviantes e esse rotulo marcará a sua existência e sua relação com o outro. Esse processo tem papel importante na construção da identidade do sujeito que se constrói a partir de atos de reconhecimento social, contribuindo para alinhar nossos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural. (BERGUER, 2004)

Para além das formas de coerção, o poder ideológico atua no sentido de conformar o sujeito às regras existentes. A Ideologia é a maneira como um determinado grupo social, em uma época histórica determinada, vê o mundo, os sentidos que atribuem a esse mundo. No entanto, como a sociedade é hierarquizada, as ideias de um grupo dominante se sobrepõem a de outros grupos, fazendo que os sujeitos reconheçam aquelas ideias como suas. Logo, todos compartilham dos mesmos valores como naturais.

A ideologia então ocorre em formas materiais e age através da interpelação dos indivíduos como sujeitos, inserindo-os “em práticas reguladas pelos aparelhos ideológicos” (BRANDÃO, 2004, p. 26). Assim, as instituições como a religião, escola, família, imprensa,

I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES. Centralizado.

etc., representam um importante papel na hegemonia ideológica, já que é através deles que as ideias do grupo dominante irão ser reproduzidas como ideias comuns a todos.

Como um sistema lógico e coerente de representações (ideias e valores) e de normas ou regras (de conduta) que indicam e prescrevem aos membros da sociedade o que devem pensar e como devem pensar, o que devem valorizar, o que devem sentir, o que devem fazer e como devem fazer. (CHAUI, 1981, p. 113)

Por sua vez o discurso é uma das instâncias em que a ideologia se concretiza materialmente. Dessa forma a Análise do Discurso se apresenta como um método que tem por objetivo perceber nos textos as marcas da exterioridade. Para isso ela busca encontrar no texto as influências históricas e sociais a que os sujeitos estão submetidos na construção do seu discurso. E, como “não há discurso sem sujeito, nem sujeito sem ideologia” (ORLANDI, 2009, p.17), perceber o sujeito ocupa um papel importante na análise do discurso. E ele é sempre marcado por outros discursos que estarão presentes na constituição do seu texto, nunca sendo completamente puro, o sujeito é composto da sua relação com outros sujeitos, incorporando o outro como parte de si.

O discurso não é atravessado pela unidade do sujeito e sim pela sua dispersão; dispersão decorrente da várias posições possíveis de serem assumidas por ele no discurso. (...) Dispersão que reflete a descontinuidade dos planos de onde o sujeito que pode, no interior do discurso, assumir diferentes estatutos. (BRANDÃO, 2004, p. 36)

O sujeito, para a Análise de Discurso, é profundamente marcado pela exterioridade, ele é essencialmente histórico e conseqüentemente ideológico e é através da língua que ele manifesta sua subjetividade, é nela que o seu discurso se materializa.

Vale lembrar que o discurso não é algo estático e imutável, mas que ele vai se transformando de acordo com as transformações históricas e sociais e com os embates ideológicos dentro da sociedade. Ao analisar um discurso, portanto, é necessário se considerar as condições em que ele é produzido, desde o contexto histórico-social, os interlocutores, o lugar de onde falam até a imagem que fazem de si, do outro e do referente. De que forma então a interação

I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES. Centralizado.

entre os usuários de maconha com os discursos tradicionais e os discursos antiproibicionista sobre o uso vão ajudar a compor um repertório próprio que dê significado ao seu pertencimento ao grupo dos maconheiros?

O usuário de maconha tem sua identidade marcada pelo desvio das regras de condutas da sociedade. Mesmo que o uso não tenha sido descoberto e as sanções devidamente aplicadas o medo de ser descoberto e o estereótipo criado acerca do uso marcam a sua experiência. (BECKER, Howard, 2008)

No entanto o próprio uso da maconha se constitui como uma atividade social. A iniciação no uso e todo o processo de aprendizado dos efeitos, dosagens e formas de uso e a consolidação como um usuário regular se dá através do contato com outros usuários e no aprendizado de uma série de regras, costumes e comportamentos que vão defini-lo como membro do grupo, como parte daquela cultura. (BECKER, Howard, 2008)

Os meios de comunicação tradicionais são importantes mecanismos de reprodução ideológica. Através deles é reiterado o que é bom e o que é ruim para uma sociedade e o que deve e o que não deve ser feito pelos indivíduos que a compõe. Esses mídias tradicionais representaram o uso da maconha como algo potencialmente perigoso para sociedade. A imagem dos usuários varia entre o criminoso, o vagabundo e o viciado marcando profundamente como a sociedade enxerga estes sujeitos.

Há duas décadas as relações sociais eram bastante delimitadas por um espaço físico e temporal e a influência desses meios de comunicação tradicionais raramente era contestada. Com o advento da internet e principalmente da web 2.0 surgiu uma necessidade mundial de estar conectado a esta rede, de aderir a esta nova dimensão social onde os limites das relações sociais convencionais transpõem os limites dos espaços físicos, criando novas formas de se comunicar e se relacionar.

O grande feito da internet, neste sentido é o de transpor fronteiras, conectar pessoas e permitir a comunicação instantânea e eficiente dentre diversos grupos ao redor do mundo. Isso permite que grupos de pessoas movidos por um interesse em comum venham a se organizar e a articular ações tanto no espaço virtual quanto nos espaços físicos, borrando as fronteiras entre o real e o virtual e fazendo emergir outros discursos. Scherer – Warren apontam que a sociedade da informação teria:

I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES. Centralizado.

(...) a capacidade de difusão das informações de forma mais ampla e rápida, conectando as iniciativas locais com as globais e vice-versa. Portanto, as redes desempenhariam um papel estratégico, enquanto elemento organizativo, articulador, informativo e de “atribuição de poder.” (Scherer – Warren, 2006, p. 222).

É neste sentido que buscamos nesta pesquisa identificar o papel da internet enquanto rede virtual que permite a reprodução de um discurso não hegemônico sobre o uso da maconha, empoderando os seus usuários no sentido de se afirmarem enquanto cidadãos normais e saudáveis com hábitos e costumes próprios de uma cultura específica e através disso se articular em redes de movimentos em prol da legalização da maconha, tanto na web quanto em marchas e manifestações em todo o país.

4. Growroom e Hempadão – O discurso e a resignificação do uso da maconha

Os dois sites analisados foram os primeiros em um segmento informativo que hoje se encontra em expansão, com dezenas de sites, blogs e páginas em redes sociais que defendem a bandeira antiproibicionista. O Growroom (2002), pioneiro em levantar o discurso pró legalização e incentivar o cultivo caseiro como alternativa ao tráfico e o Hempadão (2009) que inova apresentando uma variedade de conteúdo que aborda aspectos culturais, políticos e sociais atuando também como canal de entretenimento.

O site Hempadão surgiu como blog em 2009, quando “Não existia nenhum lugar onde o brasileiro pudesse acompanhar diariamente notícias e a evolução ou retrocesso da cultura da cannabis.” (Hempadão, 2015), formado por “jornalistas e jovens de todas as idades em busca da construção de um espaço livre de compartilhamento de ideias e ideais. Através de música, poesia, informação, vídeos, filmes, tiras, memes, desenhos, vlogs, uff..” (Hempadão, 2015), o site conta hoje com 34 quadros dividido em cinco editorias.

O site inova apresentando uma variedade de conteúdo que aborda aspectos culturais, políticos e sociais atuando também como canal de entretenimento. Tendo como slogan “Larica de informação”, faz alusão a fome que é conhecida como um dos efeitos do uso da erva, nesse caso a fome de informação de seus usuários. Assim como o slogan as seções temáticas em que é dividido o site também fazem trocadilho com outros hábitos, gírias e

I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES. Centralizado.

expressões que compõe a cultura dos usuários, como os quadros “Chapa 2”, ConverSativa e DesenhOnda.

Com esses trocadilhos que a todo momento fazem alusão a um determinado modo de ser, pensar, agir, a padrões e gostos culturais a página, para além de produzir novos sentidos, desafia a forma como a maconha é convencionalmente tratada. Ao colocar seu uso como parte de uma cultura específica, da qual fazem parte políticos, artistas, jovens e trabalhadores, milita constantemente para a saída do “armário”, para o cultivo caseiro, uso medicinal e pela mudança na legislação.

Em seus quadros são abordados assuntos diversos, desde músicas e vídeos que abordem a temática, famosos que usam ou defendem o uso, sessões de ensino sobre cultivo, redução de danos, marcha da maconha, militância, legislação, repressão policial, espécies de maconha, história do uso, uso ao redor do mundo, etc. Conta ainda com espaços publicitários que permitiram que o blog se transformasse em site. Dentre seus patrocinadores estão tabacarias e lojas de cultivo.

Já o site Growroom, embora produzam conteúdo jornalístico que também abordam ativismo, legislação, uso medicinal, dentre outros temas de interesses dos usuários e defensores da legalização, tem como principal bandeira a defesa do cultivo caseiro como alternativa ao tráfico e como diferencial um fórum em que usuários e principalmente cultivadores de todo o país trocam informações, em especial sobre o plantio caseiro, mas também sobre outras temáticas que envolvem o universo da maconha. Assim como o Hempadão essa característica já pode ser percebida tanto pelo seu nome, que tem como tradução livre para o português “sala de cultivo”, e se refere ao cultivo feito em espaços fechados, como pelo seu slogan “Seu espaço para crescer” remetendo as dicas e informações trocadas para um cultivo mais eficiente.

Esta pesquisa ainda encontra-se em andamento. No entanto os dados analisados nos permite perceber algumas formações discursivas que vem ganhando destaque nos sites analisados, em especial o discurso do usuário autossuficiente, que plantam sua erva e não financiam o tráfico, que pode ser resumido pelos slogans “Não Compre, plante” e “Jardineiro não é traficante”.

I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES. Centralizado.

Há ainda o discurso do uso medicinal da planta que vem alcançando uma repercussão cada vez maior, inclusive pautando meios de comunicação tradicionais. Através dele são explorados os diversos usos médicos da erva, fortalecendo a discussão inclusive a nível político, provocando modificação na legislação brasileira a favor do uso medicinal.

Encontram-se também debates sobre segurança pública, relatos de usuários e uma série de produtos culturais que deverão compor o estilo de vida do usuário, que em momento algum tratado é como criminoso, mas como um indivíduo politizado, pertencente a um grupo cultural específico que busca liberdade para fazer suas próprias escolhas.

Obviamente não se pode fugir da questão de quem produz esses discursos. O quadro de ativistas responsáveis por ambos os sites são majoritariamente homens, brancos, de classe média e alta do sul e sudeste do país. Este fato estará relacionado aos discursos produzidos, visto que o estilo de vida pregado reproduz em maior ou menor nível o estilo de um grupo social específico que deverá ser seguido pelos outros usuários.

Dessa perspectiva, será que todo usuário tem condições de praticar o cultivo caseiro, em especial o indoor, que exige altos investimentos com estufas, lâmpadas e demais equipamentos? Será que o jovem usuário negro de periferia, muitas vezes preso por tráfico por portar pequenas quantidades de maconha pode plantar para o seu próprio consumo? E o trabalhador que depende de seu trabalho para sustentar sua família poderá sair do armário? Para que usuário esses conteúdos são verdadeiramente pensados?

Esses são questionamentos que podem e devem ser feitos ao se pensar nas formações discursivas produzidas por estes sites. Um novo e revolucionário discurso emerge de suas produções, uma militância que vem alcançando resultados concretos em termo de mudança de legislações, alcance de público e principalmente de levantar o debate acerca deste tema de relevância pública.

Usuários, quer sejam de periferias ou de bairros nobres agora contam com um elaborado repertório discursivo em defesa de seus hábitos, podem agora compartilhar experiências, informações, gostos. Não usuários que buscam conhecer um pouca mais sobre a maconha se deparam com um leque cada vez maior de respostas à suas questões, que podem tanto levá-lo a concluir que a maconha é uma droga pesada que causa dependência e leva ao uso de outras drogas, ou que é uma planta, consumida por milhões de pessoas em todo o mundo, de

I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES. Centralizado.

diversas classes sociais, seja como remédio, como forma de contato com o divino ou de maneira recreativa e que esse uso poderá trazer benefícios e malefícios a depender de quem usa e de como se usa. É esta possibilidade de dar visibilidade à multiplicidade de formações discursiva, em tensões constante, que fazem parte do jogo ideológico, a possibilidade de emergir e de atingir pessoas, usuários ou não, o que faz da internet um importante instrumento nesse jogo de poder.

Referências Bibliográficas

BECKER, Howard S. **Outsiders: Estudo de sociologia do desvio**. Jorge Zahar, 1º edição, Rio de Janeiro, 2008.

BERGUER, Peter L. *Perspectivas Sociológicas: Uma visão humanística*. Vozes, 29º edição, Petrópolis, 2007.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução a Análise do Discurso**. Editora Unicamp, 2ª edição, Campinas, São Paulo, 2004.

CARNEIRO, Henrique. **As necessidades humanas e o proibicionismo das drogas no século XX**. Disponível em:

< http://www.neip.info/html/objects/downloadblob.php?cod_blob=266 > Acesso em 16 abr 2010.

CHAUI, Marilena. **O que é ideologia**. Brasiliense, 1981, 3ª Edição

JUNIOR, Osvaldo Pessoa. **A liberação da maconha no Brasil**. In: HENMAN, Anthony, JUNIOR, Osvaldo Pessoa (org). **Diamba Sarabamba: Coletânea de textos brasileiros sobre a maconha**. Editoura Ground, São Paulo, 1986.

JUNIOR, Osvaldo Pessoa (org). **Diamba Sarabamba: Coletânea de textos brasileiros sobre a maconha**. Editoura Ground, São Paulo, 1986.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: Um conceito antropológico**. Jorge Zahar, 14ª edição, Rio de Janeiro, 2001.

MACRAE, Edward, SIMÕES, Júlio Assis. **Rodas de fumo: O uso da maconha entre camadas médias urbanas**. EDUFBA. Salvador, 2000.

MOTT, Luiz. **A maconha na história do Brasil**. 1984. In: HENMAN, Anthony,

ORLANDI, Eni P. **Análise de discurso, princípios e procedimentos**. Pontes, 8ª edição, Campinas, São Paulo, 2009.

SABINA, Maria (org.). **Maconha em debate**. São Paulo, Editora Brasiliense, 1985.

I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES. Centralizado.

SANTOS, Rafael Guimarães. **Um panorama sobre a maconha**. Salvador, 2009. Disponível em: <http://www.neip.info/html/objects/downloadblob.php?cod_blob=481> Acesso em 16 abril 2010.

SCHERER, Ilse Warren. **Redes sociais na sociedade de informação**. IN: MAIA, Rousiley; CASTRO, Maria Ceres Pimenta Spínola (orgs.). *Mídia, esfera pública e identidades coletivas*. Belo horizonte: Editora UFMG, 2006.